

Gabriel Farias Alves Correia

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG, Brasil)

correiagfa@gmail.com

Alexandre de Pádua Carrieri

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG, Brasil)

alexandre@face.ufmg.br

Histórias, Memórias e Futebol Amador: Reflexões e Possibilidades nos Estudos Organizacionais

Histories, Memories and Amateur Soccer: Reflections and Potentialities in Organizational Studies

RESUMO

O objetivo deste estudo é refletir sobre as possibilidades de estudo do futebol amador no âmbito da Administração. Para tanto, realizamos uma revisão da literatura sobre o pós-estruturalismo, a história e a memória e o futebol amador. Inicialmente, discutimos a fuga da instrumentalização da individualidade e do conhecimento, destacando a contradição e a realidade diversa. Na sequência, refletimos sobre o estudo da história e da memória e as possibilidades de novos olhares sobre saberes e práticas. Ademais, partimos da consideração do futebol amador como produto da cultura popular, repleto de possibilidades, reinvenções e improvisações. Por fim, essas bases permitiram a reflexão sobre as diversas possibilidades no distanciamento da realidade determinada, rompendo com a instrumentalidade do conhecimento, com a objetividade e o binarismo do que deve ser considerado como futebol, caminhando para um olhar que valoriza as fragmentações, rupturas, fissuras e múltiplas possibilidades de representação do real e de exercício da modalidade.

Palavras-Chave: história e memória; futebol amador; pós-estruturalismo.

ABSTRACT

The objective of this study is to reflect on the possibilities of studying amateur soccer within the scope of the Administration. To do so, we conducted a literature review on poststructuralism, history and memory and amateur soccer. Initially, we discussed the escape from the instrumentalization of individuality and knowledge, highlighting the contradiction and diverse reality. Following, we reflect on the study of history and memory and the possibilities of new looks on knowledge and practices. In addition, we start from the consideration of amateur soccer as a product of popular culture, full of possibilities, reinventions and improvisations. Finally, these bases allowed the reflection on the various possibilities in the distance from the determined reality, breaking with the instrumentality of knowledge, with the objectivity and the binarism of what should be considered as soccer, walking towards a look that values the fragmentations, ruptures, fissures and multiple possibilities of representation of the real and the exercise of the modality.

Keywords: history and memory; amateur soccer; poststructuralism.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
29.075-910, Vitória-ES
gestaoeconexoes@gmail.com
gestaoeconexoes@ccje.ufes.br
<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em
Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 20/12/2018
Aceito em: 17/02/2019
Publicado em: 31/05/2019

Introdução

O objetivo deste ensaio teórico é refletir sobre as possibilidades de estudo do futebol amador no âmbito dos Estudos Organizacionais. A proposta se torna relevante ao ampliar as alternativas de estudos na esfera da gestão de saberes deslegitimados e que se destacam na constituição de práticas populares. Partimos de A. Barros e Carrieri (2015) para afirmarmos que o estudo da história na Administração possibilita novos olhares sobre saberes e práticas, principalmente nos Estudos Organizacionais, reconhecendo a existência da diversidade no campo e o surgimento de múltiplas significações. Outra perspectiva que suporta este trabalho é a de vida social organizada. Dessa forma, é importante refletirmos sobre as diversas relações dos homens com os meios de produção e reprodução da existência humana em uma sociedade de contexto capitalista (Carrieri, 2014). O fazer social, diferente das formas homogêneas e determinísticas que buscam ser implantadas nos estudos da área, é assumido como repleto de possibilidades que permitem a expansão do conhecimento. Estudá-lo sob o ponto de vista dos sujeitos ordinários, é reconhecer as incoerências das narrativas ditas oficiais, expandindo os estudos em um campo de conhecimento que se posiciona tradicionalmente sob bases positivistas e 'neutras'.

Ao destacarmos saberes considerados menores, deslegitimados e resultados de práticas construídas socialmente, caminhamos para a noção do protagonismo de saberes locais que fogem de concepções homogeneizantes. Fazer frente às histórias universais e refletir sobre formas diversas e heterogêneas do fazer social encontram embasamento em uma perspectiva que possibilita compreendermos a diversidade de mundos existentes (A. Barros & Carrieri, 2015; Carrieri, 2014). Nesse sentido, a história e a memória surgem como possibilidades de evidenciarmos conhecimentos populares com pouco ou nenhum registro, diferente dos saberes propagados como verdadeiros, pertinentes e únicos. Bosi (2003) e Delgado (2010) indicam a possibilidade de acessarmos as experiências de sujeitos marginalizados pelo *mainstream* por meio da memória, tendo em vista que a história pautada em aspectos tradicionais como documentos oficiais e grandes narrativas não conseguem alcançar os sentimentos individuais conexos aos acontecimentos.

Posto isso, emerge o protagonismo de práticas historicamente marginalizadas e oriundas de saberes populares como o caso do futebol amador, se o compararmos ao exercício do futebol profissional. Segundo Mósca, J. R. G. da Silva e Bastos (2010), o estudo do futebol brasileiro, bem como da sua gestão, organização e simbolismo, nos ajuda a compreender a realidade social do país. Lages e S. R. da Silva (2012) complementam que o futebol é um fenômeno social e cultural inserido no cotidiano de diversos grupos sociais. Outrossim, o futebol se destaca como prática social permeada de possibilidades, já que permite ampliar o conhecimento acerca de saberes populares e culturais que não encontram espaço no *mainstream* da Administração. Além disso, para os Estudos Organizacionais é importante refletirmos e investigarmos essa considerada paixão nacional, tendo em vista que poucas pesquisas são realizadas na área ou são esporádicas e não sequenciais em um esporte que é meio de vida para muitos sujeitos (Mósca *et al.*, 2010), não só jogadores, árbitros e dirigentes, mas também para toda uma economia popular que

caminha paralela ao esporte. Recorreremos às memórias envoltas por esse esporte é nos desvincularmos da busca pela objetividade, para compreendermos partes de um passado ainda vivo no presente e que permite a busca de um futuro para a atividade (Nunes & Mattedi, 2015). Estudarmos o futebol amador por meio de suas memórias é estarmos cientes que elas não são contínuas, mas sim permeadas de fragmentos, de intencionalidades, de silenciamentos e escolhas por parte dos sujeitos. Por isso, fogem do determinismo e da verdade única.

Apesar de um expressivo interesse da academia em ciências sociais sobre o futebol (Giglio & Spaggiari, 2010), Cunha, Freitas e Rigo (2016) colocam que a modalidade profissional e midiática possui interesse ainda maior nos estudos. É dessa forma que os autores afirmam que estudos que tendem a se distanciar do futebol midiático se tornam relevantes na compreensão de aspectos locais dessa prática, e que, para conhecê-la melhor, são indicadas investigações acadêmicas mais aprofundadas, como a que propomos neste trabalho.

Ferreira (2010) destaca que o olhar histórico permite a compreensão das realidades cultural, social, econômica e política brasileiras, possibilitando um avanço sobre a prática organizacional do país. É nesse sentido que a expansão no terreno das práticas populares por meio da história e da memória, usualmente desconsideradas na Administração, é uma das contribuições deste trabalho.

Acreditamos que é possível partir de um posicionamento pós-estruturalista para compreendermos as histórias vinculadas ao futebol amador, e, dessa forma, considerá-lo a partir de um prisma que vai além da objetividade positivista. A base pós-estruturalista se apresenta como caminho para pensarmos no estudo de práticas diversas, heterogêneas e que fogem da linearidade. É nessa perspectiva que se insere o estudo de sujeitos menores do ponto de vista histórico, renegados às margens do conhecimento. Com isso, apresentamos o futebol amador, menor, diverso e heterogêneo se comparado ao futebol profissional, como objeto múltiplo para o estudo da vida social organizada na Administração. Procurar enquadrar o futebol amador em uma perspectiva objetiva dominada pelo futebol profissional e midiático, sufoca a riqueza de alternativas vinculadas ao estudo da modalidade.

Nos desvencilhamos de noções universais do conhecimento e consideramos como possibilidades de pesquisa as flexibilidades, as fissuras, as fragmentações e os diversos, reforçando o descompromisso com uma essência e a sobreposição das instabilidades produtoras de sentido (E. M. de Souza, S. P. Souza, & A. R. L. da Silva, 2013; Mendes, 2015). Nesse sentido, negamos neste trabalho tentativas de enquadramento ou qualquer busca por definir o que deve ou não ser o futebol, sobretudo no seu caráter amador.

Nosso compromisso com a pluralidade suportado pelo pós-estruturalismo propicia que as problematizações aqui propostas reconheçam as influências das estruturas socioculturais na formação da autoconsciência, fugindo de uma perspectiva binária, que promove exclusões dos que podem ser considerados 'mais' ou 'menos' pertencentes a um fenômeno (Peters, 2000). Enfatizarmos as localizações históricas e culturais dos sujeitos permite que processos de exclusão dos que são tratados como 'outros' apenas por possuírem características culturais distintas sejam abafados. Afirmarmos isso é considerarmos uma multiplicidade de olhares possíveis sobre o mesmo fenômeno, descomprometidos com as delimitações e os pressupostos de verdade que imperam nos estudos da Administração.

Após essa introdução, o trabalho é dividido em mais quatro partes: na primeira, discutimos os pontos que possibilitam embasar este trabalho na perspectiva do movimento pós-estruturalista e da fuga dos universalismos, instrumentalidades e objetividades. Logo após, refletimos sobre a história e memória e, na sequência, sobre o futebol amador como saber marginalizado frente ao futebol profissional. Por fim, realizamos as discussões e as reflexões finais sobre o tema proposto, sem qualquer pretensão de esgotamento.

Revisão da literatura

Pós-estruturalismo

Não há consenso sobre o significado do pós-estruturalismo. Ainda assim, é possível levantarmos pontos de referência para explicarmos a concepção e, conseqüentemente, buscarmos suporte coerente em suas bases. Mendes (2015) localiza o pensamento dentro da corrente mais ampla da pós-modernidade, que prevê o rompimento a princípio com o passado e a emergência de novos paradigmas nas artes e na vida. Romper com uma concepção que busca instrumentalizar a individualidade e o conhecimento de forma objetiva se insere na proposta pós-modernista, destacando a contradição e a realidade diversa. Em vista disso, conhecer o mundo nessa abordagem é possível considerando a fragmentação, que não somente explica, mas também compõe o real.

Peters (2000) aponta o rompimento do pós-estruturalismo com o modernismo, já que o primeiro nega qualquer tipo de razão. O autor destaca o interesse por uma história crítica, concentrando-se no que é mutável, transformado e descontínuo nas estruturas, no questionamento do cientificismo das ciências humanas e do racionalismo e do realismo do estruturalismo. Paula, Maranhão e A. N. de Barros (2009), em adição, afirmam que o que diferencia do estruturalismo é a busca por resgatar a história, apagada por sua análise concomitante das estruturas. No mesmo sentido, o pós-estruturalismo é colocado por Mendes (2015) como uma perspectiva teórica da abordagem pós-moderna, adotando, mas também extrapolando, questões do estruturalismo.

Consideramos, com base em Peters (2000), o pós-estruturalismo como modo de pensamento, estilo de filosofar e forma de escrita, afirmando que não deve ser vinculado às formas homogêneas, singulares ou unitárias. O autor é enfático, ao ressaltar que o pós-estruturalismo não pode ser reduzido a uma escola, método, teoria ou escola, sendo mais coerente o uso do termo “movimento de pensamento”, que se sustenta em formas diversas de prática crítica. Isso permite considerá-lo interdisciplinar e com diversas correntes de pensamento.

Em conformidade com a diversidade levantada pelo movimento pós-estruturalista, a ideia de significado é colocada como construção ativa, dependente da pragmática do contexto, que leva ao questionamento das supostas universalidades do que se coloca como verdade. Os pensadores pós-estruturalistas “questionam o sujeito cartesiano-kantiano humanista, ou seja, o sujeito autônomo, livre e transparentemente autoconsciente, que é tradicionalmente visto como a fonte de todo o conhecimento e da ação moral e política” (Peters, 2000, p. 32). Mendes

(2015) complementa que os pós-estruturalistas ultrapassam as fronteiras do conceito de estrutura e inauguram um olhar para os fenômenos que consideram fissuras e instabilidades produtoras de sentidos. Assim, a abordagem auxilia na compreensão das inúmeras possibilidades do fazer social, se estabelecendo não pela busca de conceituações, mas como forma de se olhar e interpretar a realidade.

O pensamento pós-estruturalista tende a destacar noções de diferença, determinação local, rupturas ou descontinuidades históricas, serialização, repetição, e apresenta uma crítica baseada na ideia de desconstrução (Peters, 2000). Portanto, ao assumirmos tal posição epistemológica, negamos conceber o conhecimento como representação única da realidade e como verdade inquestionável. Diante disso, Mendes (2015) nos embasa ao afirmar que uma das condições compartilhadas sobre o pós-estruturalismo é a impossibilidade de estabelecer a verdade e, dessa forma, de definir objetivamente quaisquer conceitos.

Assim, a resposta para a definição do próprio termo somente será encontrada a partir de perspectivas que o negam, mesmo porque a pergunta “o que significa pós-estruturalismo?” apenas faz sentido para aqueles que são classificados fora dos limites criados por essa designação. A própria tentativa de definição do conceito já implica uma estratégia de construções limítrofes que, em última instância, tenta organizar os campos de saber a partir de táticas que situam discursos em determinadas tradições ou abordagens. Essa tentativa de localização discursiva pode ser inserida em um projeto maior de classificações textuais que são a base para o controle e a legitimação de perspectivas na produção e na construção de campos do saber (Mendes, 2015, p. 47).

A crítica ao privilégio da razão supostamente possibilitado pela razão humana, em que a consciência seria autônoma, também se faz presente no movimento pós-estruturalista por motivos de ser diretamente acessível e base única da compreensão e da ação (Peters, 2000). Ademais, esse pensamento questiona pressupostos universalistas da racionalidade, individualidade e autonomia, que estão vinculados ao sujeito humanista. Para os pós-estruturalistas o sujeito sofre, então, influência das estruturas socioculturais na formação da autoconsciência. Enfatizar a autoconsciência absoluta e os universalismos é, para os seus adeptos, parte de um processo, que visa excluir o que é visto como ‘outro’, ou seja, grupos e indivíduos que agem no mundo com outras bases culturais (Peters, 2000). Diferente disso, o pós-estruturalismo enfatiza a constituição discursiva do sujeito, além da sua localização histórica e cultural.

Souza *et al.* (2013) buscam realizar um olhar mais amplo para o movimento pós-estruturalista e problematizar se a emancipação do sujeito é característica dele. Os autores destacam que o pós-estruturalismo não crê em movimentos de massa, universais e metanarrativas libertadoras. Mas, mesmo que se considere o sujeito fragmentado, sem essência e origem, é possível falar de ação política nesse contexto, vinculados não aos discursos abrangentes, mas baseados na multiplicidade de contingências e particularidades que são assumidas no pós-estruturalismo. A saber, cabe destacar que

o pós-estruturalismo evita modelos prescritivos de como os sujeitos devem se constituir e julgamentos de valor sobre qual seria a melhor e a mais correta

maneira de se viver. Por exemplo, para o pós-estruturalismo, a ética é apenas uma expansão das diversas e múltiplas formas de subjetividades possíveis. Desse modo, contrariamente aos grandes projetos emancipatórios, o pós-estruturalismo não pretende apontar uma direção para onde os sujeitos deveriam caminhar, pois entende que as possibilidades são múltiplas e relativas a diversas subjetividades existentes em um determinado contexto histórico, cultural, social, político, religioso e econômico, dentre outros elementos (Souza *et al.*, 2013, p. 210).

Posicionar o pós-estruturalismo em uma crítica a razão moderna, conforme feito por P. G. da Silva, Mello e Trindade (2016), se torna essencial para fugir de concepções que colocam o sujeito como racional, distanciar das metanarrativas, da verdade total, da objetividade e do posicionamento incontestável que é atribuído ao conhecimento científico. Essa colocação possibilita considerarmos uma proposta de interpretação do mundo por meio dos discursos, deslocando sentidos que possam fugir de uma concepção binária e produtora de hierarquizações excludentes. E, dessa maneira, compactuamos com P. G. da Silva *et al.* (2016, p. 331), e também consideramos que “cada verdade faz parte de um contexto, sendo representativa para determinado grupo social e de um período histórico específico”.

Discorrermos sobre as orientações oferecidas pelo movimento pós-estruturalista, permite coerência ao buscarmos a pluralidade de sentidos, bem como a afirmação da realidade como construção social e subjetiva. O descomprometimento com a ideia de verdade e com o determinismo positivo possibilita, nessa corrente, que as contingências e particularidades emergjam, evitando a prescrição e visibilizando vários saberes, assim como afirmam Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018). Os saberes populares, também descomprometidos com a lógica de regulamentação e delimitação, se apresentam como rica fonte para compreensão dos diversos fazeres. Contrapor narrativas globalizantes, dominações e universalidades permite a apresentação de forma contundente dos acontecimentos históricos sob um viés alternativo (Wanderley & A. Barros, 2018). Por conseguinte, nos posicionarmos como descomprometidos com as grandes narrativas viabiliza a emersão das menores, simples mas abundantes, para compreensão dos acontecimentos históricos. E nada mais adequado do que recorrermos às memórias desses sujeitos como aliadas na visibilidade desses episódios sob o ponto de vista micro, subjetivo e particular, desprendido das amarras da generalização.

História e memória

A abordagem em conjunto dos pensamentos de história e memória permite analisarmos o passado, com destaque para aquele marginalizado nas grandes histórias. Para Pena, T. S. Martins, L. L. de Oliveira e Carrieri (2016) é importante a compreensão da história e da memória de forma isolada. Joaquim e Carrieri (2018) chamam atenção para o caráter construtivo e reconstrutivo de significações que é a memória, distanciando da compreensão objetiva que a coloca como depósito passivo de fatos, ocorrendo no tempo presente sobre questões do passado. Para os autores ela nem sempre transmite informações completas, mas traz uma imensurável riqueza de possibilidades. Dessa forma, a memória é mutável, múltipla, rica e

inigualável, tendo em vista que sofre interferências do tempo presente em que é evocada (Andrade & Almeida, 2018; Caballero, 2015; Delgado, 2010).

Thomson (1997) afirma que a memória envolve um processo que reconstrói e transforma as experiências que são lembradas, interferindo naquelas que se escolhe recordar e relatar, dando sentido no presente para as questões do passado. Costa e Saraiva (2011) complementam que o tema da memória possibilita a reflexão de seu caráter modificador, já que os conhecimentos passados são vinculados com as perspectivas presentes.

Pollak (1989) posiciona a memória coletiva como objeto de disputa, negociada, sendo fenômeno socialmente construído com a função de manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo possui em comum, fornecendo quadros e pontos de referências a partir do compartilhamento de significados. Joaquim e Carrieri (2018) complementam que não há só uma memória, mas diversas, geridas e que fazem com que o processo de lembrança e esquecimento seja uma atividade intencional e política.

As memórias coletivas são destacadas ainda por Pollak (1989) como as que permanecem confinadas ao silêncio, e que são transmitidas de forma oral se mantendo vivas para que, em um momento oportuno, sejam publicizadas. O silenciamento sobre o passado não conduziria, nesse caso, ao esquecimento, mas à uma resistência opositora aos discursos oficiais. As memórias coletivas que se opõem as consideradas legítimas são transmitidas em redes subterrâneas, informais, e que passam despercebidas pela grande história, já que existe uma imagem que uma sociedade dominante ou um Estado deseja transmitir e impor.

Há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (Pollak, 1989, pp. 8-9).

As reflexões que envolvem o passado e também o presente não são neutras, tendo em vista que exteriorizam um sistema de atribuição de valores de determinada época (Costa, D. F. Barros, & P. E. M. Martins, 2010; Costa & Saraiva, 2011). Nesse sentido, é possível afirmarmos com base em Pena *et al.* (2016) que o processo de formação da memória é influenciado pelo meio social em que os indivíduos estão inseridos, sendo a recuperação do passado no presente oriunda da interação entre eles.

Bosi (2003, 2015) e Delgado (2010) destacam a possibilidade de acessar, por meio da memória, as experiências de sujeitos marginalizados pelos saberes tradicionais, e que muito têm a contribuir para ampliação dos estudos das práticas de sujeitos comuns. Assim, aplicando a discussão da memória nos Estudos Organizacionais, é possível resgatar a perspectiva histórica e as escolhas por lembranças e esquecimentos (Costa *et al.*, 2010; V. T. dos Santos & Ichikawa, 2018).

Em relação a Administração, A. Barros e Carrieri (2015) argumentam que focar os particulares aliados às discussões sobre a história pode contrapor narrativas dominantes, construindo espaços que pensem a área e suas práticas por meio de concepções alternativas. A partir disso, é possível que saberes locais se articulem contra o *mainstream* da Administração, recuperando a história de teorias construídas e adaptadas localmente, além da emergência de novos problemas e abordagens (A. Barros & Carrieri, 2015; Costa *et al.*, 2010; E. M. de Souza & Costa, 2013; V. T. dos Santos & Ichikawa, 2018).

Conforme indicado por autores como Ferreira (2010), J. V. P. dos Santos, Carrieri, Pereira e Martins (2016) e Costa e M. A. de C. Silva (2017), é preciso considerarmos a pesquisa histórica nos Estudos Organizacionais atrelada aos princípios de uma historiografia renovada, buscando explorar fontes historiográficas alternativas, adequadas às referências epistemológicas subjetivistas, indo além do acervo documental e das histórias oficiais. O que os autores chamam atenção é que da mesma forma que se buscam estudar novas referências históricas, devemos expandir as fontes historiográficas para melhor compreensão do passado.

O estudo histórico nas ciências sociais ainda passa pelo interesse de estudo da história da vida social cotidiana, superando o papel figurativo da história na Administração. Ressaltar a história local como construção da realidade cultural brasileira é colocado por Ferreira (2010) e E. M. de Souza e Costa (2013) como potencial nos estudos da área. Interesses vinculados às práticas dos sujeitos comuns se destacam pelas inúmeras possibilidades fundamentadas na cultura popular, fugindo da concepção importada de países centrais e a busca pela ampliação dos conhecimentos locais.

Nessa perspectiva, Fontoura, Alfaia e Fernandes (2013) afirmam que a utilização de uma metodologia histórica deve fugir de universalismos, já que o contexto no qual as situações ocorrem se vincula à época analisada, inviabilizando a generalização e a mera reprodução dos fatos. Ademais, enumeram as possibilidades da pesquisa histórica nos Estudos Organizacionais, a destacar:

1) cada vez mais a área de Administração apresenta pesquisas de caráter interdisciplinar, oferecendo resultados mais ricos para o campo e isto inclui também a adoção de abordagens históricas; 2) por não ser muito disseminado como método, ainda existem muitos setores da Administração brasileira a serem estudados por meio deste método; 3) a sociedade brasileira apresenta suas próprias peculiaridades, quanto ao seu modo de administração e gerenciamento, o que estimula o desvelamento de suas especificidades; e; por último; 4) tanto a Nova História quanto a história tradicional são estudadas em profundidade no país pelos historiadores brasileiros, ou seja, existem muitas informações valiosas ainda não aproveitadas pelos pesquisadores em Estudos Organizacionais (Fontoura, Alfaia, & Fernandes, 2013, p.100).

Por fim, Carneiro (2016) considera que a análise histórica nos Estudos Organizacionais necessita da absorção de aspectos processuais de forma explícita para o seu estabelecimento, fugindo, assim, de perspectivas descritivas das fontes abordadas. Pena *et al.* (2016) complementam que a história pode ser utilizada em conjunto com a memória em uma espécie de materialização das vivências dos indivíduos, permitindo a (re)construção da história e maior atenção para fatos

silenciados. Dessa maneira, é possível ressaltarmos as inúmeras possibilidades de se recontar histórias de sujeitos marginalizados, silenciados, desconsiderados etc., pelos estudos da chamada grande história. Uma dessas possibilidades se volta para o estudo do futebol amador. Renegado à margem se comparado a prática do grande futebol, ou seja, o futebol profissional, convém compreendermos suas diversas intermitências e descontinuidades se vistas sob a ótica do sujeito menor, dos vencidos nas narrativas históricas.

Destacamos histórias particulares desse futebol por meio do acesso às memórias de seus sujeitos, se apresenta como fonte ímpar de compreensão das impressões de épocas que podem ser analisadas, considerando o contexto no qual os sujeitos se inserem. Refletirmos sobre como, quando, porque e por quem ocorreram os fatos narrados, se torna essencial para termos olhares críticos sobre nossos estudos. Apontado o objeto do futebol amador, cabe enfatizarmos os interesses na sua propagação, a sua relação com a modalidade profissional e os motivos que permitiram a sua existência nos bairros das cidades. Tais pontos podem ser analisados, refletidos e discutidos ao recorrermos às memórias dos sujeitos praticantes dos espaços de ocorrência do fenômeno. Interessa, assim, compreendermos o que é lembrado por jogadores, treinadores, dirigentes, árbitros, órgãos regularizadores, moradores das comunidades que acompanham a modalidade, pela economia popular que se vincula à atividade etc. Em conjunto com isso, destacamos as influências subjetivas de nós pesquisadores e a necessidade de nos colocarmos como sujeitos que interferem nas realidades estudadas, descomprometidos com a neutralidade e cientes de que nossas visões subjetivas são necessárias para compreendermos a realidade histórica estudada, considerando o caráter construtivo e interpretativo do conhecimento (Duarte, 2002; Rey, 2005).

O futebol amador e as suas possibilidades

Nas suas considerações sobre o futebol, A. D. G. dos Santos (2014) revela que mesmo com a normatização iniciada na segunda metade do século XIX e já tendo possibilidade de ser praticado pelas massas, o esporte foi incorporado primeiro pelas elites como uma nova tradição. Em complemento, Nunes e Mattedi (2015) o identificam como um esporte de origem inglesa, que possui regras, organizações esportivas e um corpo técnico.

Ainda de acordo com A. D. G. dos Santos, 2014, o futebol passou a ser normatizado a partir de classes dirigentes, que, influenciadas pela norma burguesa, o criaram enquanto esporte que deveria ser regulamentado. A simplicidade para o futebol ser praticado é destacada pelo autor como fator que permitiu a sua expansão enquanto elemento de lazer em diversas partes do mundo. As diversas características socioculturais de cada país interferiram na estruturação do esporte, tendo também no Brasil a marca da elitização nos anos iniciais, até que fosse profissionalizado e considerado um bem cultural, por volta dos anos de 1930.

É importante salientar que a expansão da prática futebolística esteve envolta por interesses sociais, políticos, de saúde, de entretenimento e lazer. Atualmente, o esporte está relacionado aos ganhos e aos resultados, dividido institucionalmente pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) em amador e profissional, sendo praticado também em formas anárquicas, ou seja, com a

manutenção das regras gerais mas executado com menor controle. Esse último modo é utilizado como forma de lazer, o segundo segue a prerrogativa de possuir vínculo de trabalho formal com uma instituição esportiva, enquanto o primeiro é caracterizado pela ausência de aspectos formais de trabalho (Nunes & Mattedi, 2015).

Para A. de P. Oliveira (2013) os clubes de futebol atuam em níveis sociais diferentes, com práticas de sociabilidade construídas a partir de fatores como território, etnia, trabalho, geração de lazer e expressão de conflitos sociais. O autor ainda diferencia o futebol amador do futebol profissional, midiático, ressaltando as suas especificidades internas, as suas inúmeras significações e o seu lugar na história das cidades em que é praticado.

O futebol amador como possibilidade de expressão popular, não profissional, ou seja, sem vínculos empregatícios, é concretizado por sujeitos menores do ponto de vista da história tradicional e por práticas por vezes silenciadas e marginalizadas. Ribeiro (2016) embasa que para a manutenção das práticas do futebol amador, as equipes desenvolvem estratégias sociais, principalmente em áreas que sofreram intensas transformações urbanas. Diante dessa perspectiva, a compreensão do desenvolvimento dessas estratégias e de seus sentidos culturais perpassa pelas práticas sociais que envolvem o futebol amador. O autor enfatiza que

uma rápida aproximação da prática do futebol amador permite perceber que essa atividade compartilha de culturas próprias, as quais, ainda que referenciadas na expressão profissional do esporte, possuem características específicas. Tal condição se torna ainda mais evidente quando são mobilizadas as memórias acerca de sua trajetória, as quais apontam regularmente para os aspectos particulares dessa manifestação. Assim, é possível notar organização diversa da prática que não reproduzem apenas as estruturas dos treinos e das partidas do futebol profissional. Há recorrência de outras formas de desenvolvimento da modalidade. Os sentidos projetados sobre o fenômeno também variam (Ribeiro, 2016, p.11).

Rodrigues e Benitez (2017) destacam a possibilidade de se olhar para o futebol amador enquanto mediador cultural para compreensão das diversas formas de se praticar o esporte. Os autores consideram o futebol amador como produto da cultura popular, um “fazer que se revela múltiplo, repleto de (re)invenções e improvisações que o dinamizam e o mantêm no imaginário popular, nos relatos de vida, nos fins de semana sociabilizados ou mediados pelas partidas” (Rodrigues & Benitez, 2017, p.3).

Uma dessas possibilidades de mediação cultural é considerarmos a existência do futebol de várzea. Myskiw e Stigger (2014) problematizam o uso da expressão ‘várzea’ geralmente como construção enunciativa depreciativa que se refere à falta de organização. Contudo, eles ressaltam “‘a organização varzeana’ enquanto uma construção que deve ser compreendida a partir dos universos de significados a que ela pertence” (Myskiw & Stigger, 2014, p. 449). Isso reforça o caráter múltiplo que o futebol não profissional possui, o que leva a considerarmos também a diversidade embutida na expressão ‘várzea’, que permite a atribuição de vários significados, podendo ser vinculada inclusive ao futebol organizado e sinônimo de futebol amador (A. de P. Oliveira, 2013), que é a que adotamos para fins deste trabalho.

Myskiw (2015) salienta a importância de estudos que se debruçaram na compreensão das práticas amadoras sob enfoques analíticos variados, com temas

como identidade, sociabilidades, significações, gênero, território etc. O autor considera que esses estudos se justificam na riqueza existente da cultura urbana, que envolve práticas presentes no cotidiano das cidades. Outra questão levantada por ele é não considerarmos o que chamou de ‘futebol de lazer’ como simples reprodução do futebol profissional, considerando-o como de “menor escala, menor organizado e regulamentado, mas como um universo simbólico que constitui e institui singularidades” (Myskiw, 2015, p. 159). Nesse sentido, compreender e refletir o fenômeno em sua diversidade apresenta coerência com a nossa posição epistemológica e a nossa fuga de universalismos.

Por conseguinte, é interessante que localizemos o lugar do futebol amador, de várzea, não midiático, não profissional etc., nas sociabilidades dos bairros das cidades. Fenômeno múltiplo, ele possui infindáveis possibilidades como objeto na Administração, podendo ser ponte para estudos do ponto de vista da gestão. É possível estudarmos as práticas estratégicas que envolveram o desenvolvimento da modalidade não midiática nas cidades, as práticas que envolvem o estabelecimento da categoria, o fortalecimento das identidades dos bairros, as relações de gênero envolvidas, as sociabilidades que perpassam pelos jogadores, técnicos, dirigentes, árbitros, órgãos reguladores das prefeituras e até torcedores, financiadores, micro empresários que lucram com as partidas, a economia popular que se sustenta a partir da realização dos jogos etc.

Refletir sobre as possibilidades deste futebol que se distancia da objetividade e de uma maneira única de fazer, permite que a cidade possa ser vivenciada, ressignificada, representada, lembrada, mas também compreendendo que são escolhas, envolvendo esquecimentos e silenciamentos. Olhar, pensar e refletir o futebol amador para além do futebol profissional, é não oferecer barreiras e controles às práticas que possuem na iniciativa popular sua razão de existência, fugindo dos padrões de previsão, planejamento e controle que há todo tempo procuram nos impor os estudos de gestão. Buscar objetos alternativos para compreensão do fazer social é um dos pontos congruentes com a perspectiva de partir do estudo da Administração como vida social organizada, considerando que essa ciência, antes de ser aplicada, é social.

Reiteramos ainda a relevância da perspectiva histórica para estudar o futebol amador na Administração, pois ela possibilita a reflexão e a discussão da história de um fenômeno do cotidiano popular das cidades. Os diversos sujeitos que praticam e ocupam os diversos espaços (e lugares) por meio da modalidade, podem auxiliar na contraposição de narrativas dominantes que buscam generalizar o que são as cidades, de como elas devem ser, de como elas foram e de como suas histórias devem ser recontadas. As construções, vivências, interações e significações praticadas pelos sujeitos comuns do futebol nas cidades possibilitam evidenciar as ações, os deslocamentos e os (re)usos dos que permanecem silenciados. Compreendermos o futebol amador a partir desta perspectiva é fugirmos da concepção instrumental do fazer social, considerando-o em sua diversidade.

Conclusões

A proposta que apresentamos buscou refletir sobre caminhos que possam fundamentar, nos Estudos Organizacionais, pesquisas que trabalhem a história e a

memória, tendo como objeto o futebol, sobretudo em sua modalidade amadora, com base em uma perspectiva pós-estruturalista. É importante destacarmos que o caráter amador do futebol possui menor prestígio se comparado ao futebol profissional e midiático. Dessa forma, os saberes propagados no primeiro, conectados às práticas populares realizadas por sujeitos menores do ponto de vista da história, são renegados às margens do conhecimento, enquanto que o segundo possui maior protagonismo, visibilidade e orçamentos milionários. Com isso, este trabalho se caracteriza como um ponto de partida para posicionar as práticas dos sujeitos vinculados ao esporte no campo analítico, tendo como referência a gestão com base em concepções alternativas, opositoras aos discursos que buscam dominar o campo e enquadrar as ações dos sujeitos sociais.

Os estudos da Administração que são pautados em uma lógica positivista e instrumental, forçam a busca por uma definição objetiva própria, de acordo com que é dominante e homogêneo. É por isso que afirmamos que o que é diverso, múltiplo, heterogêneo e que foge do *mainstream* é renegado às margens, tratado como anormal e sufocado pelas tentativas de ajustamento do fazer social. Por conseguinte, destacamos o futebol, bem como as suas relações, permite a expansão nos saberes populares do ponto de vista da gestão, trazendo para a discussão da área a bola, o campo, os espaços, os sujeitos, os objetos e as suas práticas alternativas. O fazer social inusual e seus estudos se apresentam como possibilidades no reconhecimento das inúmeras intermitências, fissuras e descontinuidades.

Realçamos as possibilidades de expansão dos estudos sobre o futebol na Administração, tendo em vista que o tema é pouco abordado como objeto de pesquisa na área, conforme indicado por Mósca *et al.* (2010). Nesse sentido, explorarmos assuntos sobre um esporte de massa e de expressão popular a partir do ponto de vista organizacional, faz com que possamos observá-lo para além da ótica do jogo, considerando-o como negócio de entretenimento e investigando a realidade do país por meio de suas gestões, suas organizações, seus simbolismos, suas identidades e demais ações que o circundam. Especificamente nos Estudos Organizacionais, nos reportamos as provocações de Joaquim e Carrieri (2018), quando consideram que o espaço organizacional é permeado por disputas e divisões. Investigar as especificidades no modo com que os indivíduos se relacionam com esse esporte partindo de uma perspectiva histórica, pode expandir o conhecimento em múltiplas direções na área, destacando-se caminhos que permitam: compreender o processo de associação e composição do conselho diretivo dos clubes; investigar as relações de poder envoltas nas federações, confederações, bem como nas entidades estaduais, nacionais e internacionais organizadoras dos campeonatos; entender o processo de estabelecimento, consolidação e cumprimento das regras impostas pela *International Football Association Board*; analisar as relações dos torcedores e das agremiações organizadas em torno das suas próprias histórias e/ou do cotidiano dos clubes; apreender as histórias dos trabalhadores que se vinculam ao futebol, passando por sujeitos que participaram das histórias das federações e confederações, e/ou focando em dirigentes, jogadores, médicos, fisiologistas, massagistas, roupeiros, técnicos e árbitros; refletir sobre o relacionamento da mídia com o futebol profissional e amador; investigar as formas anárquicas de praticar o futebol etc.

A pretensão defendida por nós aqui é que um novo cenário seja explorado, de tal maneira que matérias analíticas para temas diversos avancem na construção do

conhecimento, extrapolando as sugestões deste trabalho. Mediante o exposto, reafirmamos a pertinência do reconhecimento das várias possibilidades de analisarmos as práticas que embasam a existência deste tipo de futebol, bem como as suas relações de poder, as suas assimetrias de gênero, de classe, as suas relações com as cidades, com os bairros, com os governos, com o público frequentador, com os jogadores, além de estudos vinculados ao lazer, à saúde, à identidade, ao pertencimento, ao simbolismo etc. Cabe ressaltarmos que a objetividade intrínseca na tentativa de delimitar o futebol ordenado por uma categoria profissional, faz com que outras maneiras de exercer a modalidade sejam deslegitimadas, incluindo as modalidades amadora e anárquica. Então, o futebol que chamamos de midiático, objetivo e profissional, não deve ser utilizado como parâmetro para compreensão de outras modalidades, correndo o risco de distorcermos outras ricas formas de se praticar o esporte.

Ao procurarmos estudar uma prática social que não possui tanto apelo midiático e que não representa o foco das narrativas da grande história, acreditamos ser relevante o suporte em abordagens que permitam analisar o passado do ponto de vista dos sujeitos menores, vencidos pela história oficial. Nesse sentido, a busca por expandir estudos na Administração sobre a diversidade nos espaços organizacionais, sejam eles públicos ou privados, possibilita que a gestão seja vista também sob 'outro' olhar. O que chamamos de 'outro' se coloca frente às concepções dominantes no campo de estudo e que buscam trazer para o centro das pesquisas os espaços formais de trabalho, rejeitando uma série de espaços, lugares, ações, práticas, relações, usos e contra-usos que oportunizam (re)pensar a realidade social, o domínio da vida, das comunidades e a própria gestão.

Desconsiderarmos as grandes narrativas para reconstrução da história menor, é o primeiro passo rumo à compreensão de alternativas na construção e na reconstrução oferecidas ao conhecimento acadêmico do ponto de vista da memória. Esse movimento proporciona o deslocamento do olhar de concepções objetivas para os indefinidos mundos existentes e passíveis de exploração nos Estudos Organizacionais. O comprometimento com a explicação do fenômeno de modo abundante, rico e multifacetado abre espaço para reconhecermos a existência de outras formas de praticar a modalidade esportiva, não comprometidas com as universalidades e nem com as noções determinadas do que é ou deve ser o esporte.

Ao nos distanciarmos de percepções objetivas da realidade, considerando múltiplas significações possibilitadas pela memória e com abundantes caminhos, o pós-estruturalismo se apresenta como uma opção com riqueza imensurável para o estudo do futebol amador. Ao possuir culturas próprias que fogem da homogeneidade buscada pelo grande futebol, vinculando o exercício do esporte à sociabilidade e aos saberes locais, o movimento pós-estruturalista se apresenta como aquele que permite refletir sobre a diversidade. Isso significa romper com a instrumentalidade das práticas sociais e do conhecimento, com a objetividade e o binarismo do que deve ou não ser considerado como futebol, ou seja, uma abordagem que abrange as múltiplas possibilidades de representação do real.

Assumirmos o pós-estruturalismo como suporte epistemológico, significa negarmos quaisquer tentativas de objetividade na construção do conhecimento, e, assim, desconsiderarmos discursos que se colocam como oficiais. Pontuar a reflexão possível a partir desse posicionamento, bem como as possibilidades do estudo de práticas populares, são algumas das contribuições deste trabalho em relação ao fazer

social da Administração. Ademais, significa reconhecermos que as histórias que surgirão por meio do acesso às memórias são repletas de descontinuidades, de seleções, de parcialidades, de repetições e, de modo algum, buscam a univocidade. Esse olhar permite que o futebol, como produto da cultura popular, seja visto nas pesquisas em sua diversidade, ou seja, repleto de invenções, improvisações, de criações, de múltiplas significações, composto por remendos e retalhos.

Por fim, compreendemos que as possibilidades existentes no estudo do futebol a partir da história nos Estudos Organizacionais, pode nos auxiliar na expansão de discussões históricas e na composição de saberes pouco conhecidos do e no organizar das equipes. Afinal, podemos questionar a partir da nossa posição de gestão: como se constituiu o futebol longe das mídias? Quais são as várias histórias que compõem esse saber? Como as memórias dos sujeitos compõem a prática atual? Como esses sujeitos se organizam? Como a gestão pode aprender com esses saberes populares? Como o futebol, um esporte massificado, contribui para compreendermos o organizar desses sujeitos?

Portanto, são questões reflexivas, que podem auxiliar no caminho de desconstrução do saber do futebol diferente do fomentado pelas grandes histórias. Um futebol vivido não pelo espetáculo, mas pelos sujeitos comuns, ordinários, que fazem e refazem a prática no cotidiano e de forma múltipla.

Referências

- Andrade, E. P. de, & Almeida, J. R. de (2018). Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores. In J. R. de Almeida & S. Meneses (Orgs.). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado* (pp. 129-144). São Paulo: Letra e Voz.
- Barros, A., & Carrieri, A. de P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150205>
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bosi, E. (2015) *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Carneiro, A. de T. (2016). Pode a área de Estudos Organizacionais ser historiográfica? *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 1019-1049. <https://doi.org/10.25113/farol.v3i8.3814>
- Carrieri, A. de P. (2014). As gestões e as sociedades. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 21-64. <https://doi.org/10.25113/farol.v1i1.2592>
- Costa, A. de S. M. da, Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista*

- de Administração de Empresas*, 50(3), 288-299. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000300005>
- Costa, A. de S. M. da, & Saraiva, L. A. S. (2011). Memória e formalização social do passado nas organizações. *Revista de Administração Pública*, 46(6), 1761-1780. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122011000600007>
- Costa, A. de S. M. da, & Silva, M. A. de C. (2017). Novas fontes, novas versões: contribuições do acervo da Comissão Nacional da Verdade. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(2), 163-183. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150101>
- Cunha, L. C. da, Freitas, G. da S., & Rigo L. C. (2016). Entre a Laguna dos Patos e o oceano: notas sobre a memória e algumas transformações do futebol amador de São José do Norte/RS (Brasil). *Licere*, 19(4), 298-319.
- Delgado, L. de A. N. (2010). *História oral: memória, tempo, identidades*. (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *CADERNOS DE PESQUISA*, 115, 139-154. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>
- Ferreira, F. V. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, 50(1), 37-47. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902010000100004>
- Fontoura, Y., Alfaia, L., & Fernandes, A. (2013). A pesquisa histórica em estudos organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 11(1), 83-103.
- Giglio, S. S., & Spaggiari, E. (2010). A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, 163, 293-350. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i163p293-350>
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. del P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347. <https://doi.org/10.25113/farol.v5i12.3668>
- Joaquim, N. de F., & Carrieri, A. de P. (2018). Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. *Organizações e Sociedade*, 25(85), 303-319. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9250857>
- Lages, C. E. D. M., & Silva, S. R. da (2012). Futebol e lazer: diálogos e aproximações. *Licere*, 15(1), 1-13.
- Mendes, C. G. (2015). Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(88), 45-60. <http://dx.doi.org/10.17666/308845-59/2015>

- Mósca, H. M. B., Silva, J. R. G. da, & Bastos, S. A. P. (2010). Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: o caso dos clubes de futebol no Brasil. *Revista Gestão e Planejamento*, 10(1), 53-71.
- Myskiw, M. (2015). As 'tradições varzeanas' nos 'times de camisa': notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de lazer da cidade de Porto Alegre. *Licere*, 8(3), 158-196.
- Myskiw, M., & Stigger, M. P. (2014). O futebol "de várzea" é "uma várzea"! Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. *Movimento*, 20(2), 445-469. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42060>
- Nunes, C. da C., & Mattedi, M. (2015). A. Memórias da constituição do cenário esportivo amador em Santa Catarina. *Licere*, 18(2), 1-33.
- Oliveira, A. de P. (2013). Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. *Espaço Plural*, 14(29), 115-140.
- Paula, A. P. P. de, Maranhão, C M. S. de A., & Barros, A. N. de (2009). Pluralismo, pós-estruturalismo e "gerencialismo engajado": os limites do movimento *critical management studies*. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(3), 392-404. <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512009000300002>
- Pena, F. G., Martins, T. S., Oliveira, L. L. de, & Carrieri, A. de P. (2016). O polo da moda em Belo Horizonte: uma análise histórica do Barro Preto. *Revista de Administração FACES Journal*, 15(4), 8-26. <http://dx.doi.org/10.21714/1984-6975FACES2016V15N4ART3160>
- Peters, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.
- Rey, F. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Ribeiro, R. R. (2016, setembro). Futebol amador e patrimônio cultural: percursos de um debate necessário. *Anais do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2.
- Rodrigues, F. X. F., & Benitez, A. K. (2017, julho). O futebol de várzea em Cuiabá/MT: lazer, identidades e mediação cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT. *Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia*, Brasília, DF, Brasil, 18.
- Santos, A. D. G. dos (2014). Os três pontos de entrada da economia política do futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(2), 561-575. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892014000200019>

- Santos, J. V. P. dos, Carrieri, A. de P., Pereira, V. F., & Martins, T. S. (2016). Pesquisa histórica em administração: a (re)construção identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). *Revista de Ciências da Administração*, 18(46), 9-22. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2016v18n46p9>
- Santos, V. T. dos, & Ichikawa, E. Y. (2018). Representações sociais, história e memória: possíveis contribuições para os estudos organizacionais. *Revista Eletrônica Gestão & Sociedade*, 12(31), 2213-2231. <https://doi.org/10.21171/ges.v12i31.2261>
- Silva, P. G. da, Mello, S. C. B. de, & Trindade, A. (2016). Do saber filosófico à ciência crítica: buscando evidências do pós-estruturalismo nos estudos críticos em gestão no Brasil entre os anos de 2010 e 2015. *Organizações em Contexto*, 12(24), 327-343. <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v12n24p327-343>
- Souza, E. M. de, & Costa, A. M. da (2013). Usos e significados do conhecimento histórico em estudos organizacionais: uma (re)leitura do taylorismo sob a perspectiva do poder disciplinar. *Cad. EBAPE.BR*, 11(1), 1-15. <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512013000100002>
- Souza, E. M. de, Souza, S. P., & Silva, A. R. L. da (2013). O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(2), 198-217. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552013000200005>
- Thomson, A. (1997). Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, 15, 51-84.
- Wanderley, S., & Barros, A. (2018). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 14(1), 79-97. <https://doi.org/10.1080/17449359.2018.1431551>

Gabriel Farias Alves Correia

Mestrando em Administração (CEPEAD/UFMG) e bacharel em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8534-0543>

Alexandre de Pádua Carrieri

Doutor em Administração (CEPEAD/UFMG). Professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenador NEOS - Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8552-8717>